



2.2.2 • A comunicação mundializada • Sistemas de representação na actualidade

O legado dos desenhadores da guerra

O COMPORTAMENTO que causa dano ou prejuízo moral é um comportamento violento, logo temido. Porém, não se foge dele, antes se procura. Verifica-se uma avidez global em busca de imagens, sejam fotografias ou vídeos, tendo a fotografia do interior da casa de espectáculos parisiense Le Bataclan, com os cadáveres dos reféns, ainda que pouco perceptível, sido vista até à exaustão, na sequência dos ataques terroristas do dia 13 de Novembro de 2015 em Paris.

“As imagens que se seguem podem chocar os mais sensíveis”

Os meios de comunicação banalizam a violência seja em representações gráficas ou, de preferência, através de imagens transmitidas em directo, no caso da televisão.

A psicologia e a sociologia, entre outras áreas, debatem há décadas os efeitos desta banalização, que atingiu picos durante a Guerra do Golfo, a primeira a ser transmitida em directo, cujas imagens nos caíam na sopa a cada refeição, em tempo real.

A Guerra Civil americana foi o primeiro conflito armado a ser registado em fotografia, com imagens de uma brutalidade evidenciada, violadora de regras sociais, e cujo objectivo assentava na necessidade de registar os factos, factos difíceis de serem descritos, tal a violência.

Um dos pioneiros desta actividade foi Alexander Gardner, um escocês emigrado que fotografou a guerra e deixou para a posteridade o *Gardner's photographic sketch book of the war*, cujo impacto se deveu também ao sentido cénico de Gardner que rearrumou cadáveres de soldados, para garantia de uma maior impressão (Sontag, 2004).

Através também dos desenhadores da guerra ficaram conhecidas diversas imagens de civis que assistem de longe, com binóculos, a momentos de batalhas, o que pressupõe a deslocação de pessoas para *ver a guerra*, fenómeno que hoje tem o sofá como plateia e a televisão, entre outros equipamentos, como palco.

Bolinha vermelha

Actualmente Maomé não precisa de se deslocar à montanha, pois a montanha vai a Maomé, com um excesso de detalhes supostamente informativos que, frequentemente, frivolidam o razoável.

Quando os jornais britânicos se escusam a mostrar imagens de violência, quando os media belgas ou os portugueses alegam a sua ‘autoridade moral’ decidindo fazer o mesmo, estão a debilitar os planos de grupos de terroristas que usam as televisões e os jornais ocidentais como veículo das suas façanhas, promovendo o medo e o extremismo.

Esta promoção pode adquirir rostos completamente inesperados como o que aconteceu com o internacional argentino Lionel Messi, convidado, via redes sociais, a juntar-se ao Jihadismo depois de uma vitória da Argentina sobre a equipa do Irão! Na internet também se começa a fazer uma censura positiva de determinados vídeos que são difundidos com o mesmo objectivo, fazendo uso de sólidos conhecimentos no domínio da informática, para o que concorrem muitas das captações de jovens, *experts* da matéria.

O Facebook inicialmente permitia a circulação e partilha de todo o tipo de imagem mas, em nome de situações duvidosas ou marcadamente abusadoras como a violação dos direitos humanos ou o terrorismo, deu um passo atrás quando foi apontada a sua irresponsabilidade por criar condições para o visionamento e partilha de vídeos com decapitações, por exemplo.

Embora a idade legal para se ter conta na maior rede social do mundo, seja treze anos (com avisos que passará para os dezasseis a qualquer momento) o Facebook não tem forma de controlar a idade dos aderentes, sabendo apenas que há incontáveis utilizadores abaixo daquela idade.

“
As imagens de migrantes à porta da Europa, com a boca literalmente cozida, foram consideradas igualmente chocantes mas passaram em horário nobre.”

O cinema ou a banda desenhada, no plano da imagem fixa, fazem-nos conviver com uma dimensão de violência visual sem limites que, não obstante, aceitamos, ainda que com reservas no caso do público mais jovem. Porém, sabemos que aquelas imagens foram calculadamente planeadas e filmadas, ao abrigo de um argumento que maquilhou protagonistas e demais personagens, situação completamente diferente de imagens com sangue real, que podia, ou pode, ser o nosso.

Paris e Bamako

Por outro lado, há a questão da proximidade dos acontecimentos. Um acidente automóvel na nossa rua é-nos mais próximo que um acidente em cadeia numa auto-estrada no centro do país: a possibilidade do acidente da nossa rua ter envolvido alguém nosso conhecido, ou mesmo nosso familiar, de o nosso próprio veículo ter sido danificado, de as estruturas

Reginaldo Rodrigues de Almeida

viárias que usamos diariamente terem sido afectadas, de a rua ficar cortada, entre muitas outras condicionantes, perturba-nos mais do que um acidente, eventualmente com vítimas, que ocorreu a grande distância e cujo envolvimento pessoal com cada uma das situações mencionadas é praticamente nulo.

Assim, os ataques terroristas em Paris e em Bamako, com apenas uma semana de intervalo, foram sentidos como se de dois tremores de terra com diferentes graus de intensidade se tivessem sentido, não deixando de ser ambos um tremor de terra.

Paris, por tudo quanto significa histórica, cultural e socialmente, foi também sentida do ponto de vista geográfico, pela proximidade; mais ainda, Portugal, por maioria de razão face a décadas de emigração, tem uma contiguidade com a França como não tem com qualquer outro país, e que se reflecte numa familiaridade fruto das raízes estabelecidas com grande parte da população.

A onda de solidariedade, a curiosidade por imagens e a sua partilha nas redes sociais foi desequilibrada face a esta imediação, tendo Bamako sido o local de *mais um* ataque terrorista, dos muitos que, infelizmente, se multiplicam, como o do Mali, que atacou a força de manutenção de paz da ONU naquele país, em Fevereiro de 2016. No mesmo mês, em Ancara morreram vinte e oito pessoas noutra ataque; no mês anterior em Ouagadougou, capital do Burkina Faso, mais vinte e três vítimas mortais; dias antes verificara-se outro em Jacarta; outro ainda, em Junho, em Orlando nos EUA, com características particularmente homofóbicas, entre muitos outros, com especial atenção para o de Nice, a 14 de Julho, Dia Nacional da França.

Aylan, uma questão de limites

As imagens de migrantes à porta da Europa, com a boca literalmente cozida, foram consideradas igualmente chocantes mas passaram em horário nobre. O aviso prévio dos *pivots* não diminui a violência da realidade mostrada e multiplicada.

São mortes lentas, como por exemplo as dos refugiados que atravessam o Mediterrâneo em embarcações quais casca de noz, expostos a todo o tipo de Adamastores, ou as de anciãos que vivem em condições deploráveis; não têm o impacto das mortes rápidas, trajadas de violência iminente e imediata.

Aylan, cuja foto foi capa dos mais variados jornais do mundo, e protagonista já depois de morto de um vídeo que se tornou viral, era uma criança, e foi essa a condição com que tocou nas consciências e nos corações do mundo.

Aylan foi procurado exaustivamente na internet: havia que ver, que testemunhar o horror, do qual supostamente nos queremos afastar.

CENSURA OU AÇÕES EM NOME DA SAÚDE DA OPINIÃO PÚBLICA?

Em 2006 o actual vice presidente do Iraque, na altura primeiro-ministro, Nuri al-Maliki, decidiu proibir a passagem de imagens de violência na televisão, pedindo também aos repórteres que se contivessem nos artigos sobre questões religiosas e comunitárias.

Em 2010 o presidente venezuelano Hugo Chávez proíbe a publicação de imagens sobre violência, numa acção fortemente contestada pela imprensa que, mais uma vez, o acusou de censura.

Em 2012 Roberto Lucena, deputado federal brasileiro, em nome do respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, apresenta um Projecto de Lei que visa regular a exibição de imagens de violência extrema na televisão, para que a programação que contenha dramatização de cenas de violência física ou psicológica só possa ser exibida em horário nocturno, realçando que esta iniciativa *não incorpora qualquer tipo de censura e não tem o objectivo de coibir a livre manifestação do pensamento*.

São três exemplos que remetem também para a possibilidade de os órgãos de comunicação estarem a ser usados por terroristas quando reproduzem as imagens de violência, tema que tem vindo a ser debatido a nível mundial, havendo ainda muitos caminhos a explorar.

A notícia de uma bomba, a surpresa de um *tsunami* mortífero, o anúncio de uma tempestade de neve ou um grave acidente numa mina, são situações perigosas na sua essência e que atraem à presença na internet, mobilizam as redes sociais e intensificam a curiosidade pelos mais pequenos, e frequentemente mórbidos, detalhes.

A possibilidade de ser testemunha, ainda que em diferido, e no conforto do sofá, garante-nos desde logo a ventura de não termos sido nós e, por outro lado, ainda que inconscientemente, reflectirmos sobre a capacidade de salvação, balizados também pelos limites da força humana, individual ou colectiva, por quem, normalmente, se reza.

Inspiração para entretenimento

Os Estados Unidos da América, de onde provém muita da produção vídeo e cinematográfica consumida em todo o mundo, durante décadas usou protagonistas russos como vilão, fruto da Guerra Fria, tendo-os transferido ultimamente para a figura do terrorista.

As duas guerras mundiais que marcaram o século XX, assim como a Guerra do Golfo, e em particular a acção Tempestade no Deserto, têm sido repetidamente aproveitadas para pano de fundo de jogos de vídeo, com estratégias inteligentes, comunicação entre parceiros, ambientes realistas, coordenação de ataques, mapas aprimorados e cores apelativas e definidas, que lhes conferem renovada e crescente veracidade, assinalável a cada nova versão.

O perpetuar os conflitos na ponta dos dedos, numa perspectiva de ganhar ou perder um jogo, não contribuiu para a banalização da situação em si, retirando-lhe força histórica? É só uma reflexão.

Sociedade da mobilidade

Enquanto uns se defendem em casa, sob orientações próprias ou porque as autoridades assim o solicitam, outros saem de casa voluntariamente com o intuito de viajar deliberadamente para destinos onde se desenrolam conflitos de guerra. Devaneios ou uma grande tentação de ver para crer?

Seja qual for a resposta, a agência Hinterland Travel, entre outras, oferece viagens pelo Médio Oriente, Iraque, Afeganistão, Paquistão, Caxemira ou Arménia, entre várias possibilidades de eleição, ofertas passíveis de pesquisa no respectivo *site*.

Uma viagem de catorze dias pelo Iraque fica em

NÚMERO DE RESULTADOS DE PESQUISAS NO YOUTUBE (Fevereiro de 2016)

Guerra na Síria	19.900
War on Syria	107.000
Aylan	554.000
Bataclan Paris	585.000
Charlie Hebdo	6.440.000

cerca de 3.700€, o que inclui, para além dos custos de alojamento, alimentação, guias e excursões, o acompanhamento permanente dos veículos por guardas.

Neste ponto será interessante perceber o que não inclui: para além das deslocações e dos vistos, também os seguros são por conta dos excursionistas...

Se à primeira vista há quem fique escandalizado com estas iniciativas, que podem transportar um certo voyarismo, por outro lado, identificam-se estes clientes como pessoas que mostram não reagir às ameaças terroristas e cujo poder de consumo lhes permite ver também, ao vivo e a cores, a riqueza cultural dos locais, antes de ser completamente vandalizada e destruída pelos grupos terroristas. Quantos de nós não desejariam poder fazer o mesmo?

Antes, depois e agora

Como em tantos outros aspectos da vivência actual parece existir um fosso gigantesco entre práticas contemporâneas e outras, não tão longínquas no tempo, mas a anos-luz de distância na forma de execução e, principalmente, nas consequências.

A sociedade da antecipação dá-nos, de antemão, as datas e as horas em que numerosos eventos vão acontecer, predispondo uma assistência que coincide, nada mais, nada menos, com a população mundial. ■

Referências

Hinterland Travel (2016), *Adventure Holidays in Afghanistan and Iraq*, available at <http://www.hinterlandtravel.com/>
SONTAG, Susan (2004), *Regarding the Pain of Others*, ed. by Farrar, Straus and Giroux.